

INCLUSÃO ESCOLAR: REALIDADE OU UMA BUSCA?

Rayssa Feitoza Felix dos Santos¹ Daniella Rodrigues de Farias²

Universidade Federal de Pernambuco – caa@ufpe.br

Resumo:

Este artigo propõe uma reflexão acerca da inclusão escolar e da necessidade de torná-la um fato em nossas escolas, a partir da análise de sua importância e do modo como se materializa no cotidiano. Muitos são os detalhes com os quais precisamos ter cuidado, ao pretender colaborar com a efetivação da inclusão, pois cada tipo de deficiência requer atendimentos específicos. Para este trabalho, optamos pela perspectiva qualitativa de pesquisa, por compreender que esta é a que melhor se adequa aos objetivos do trabalho. A coleta de dados foi realizada através de questionários aplicados a professores, intérpretes de Libras e estudantes surdos para identificação dos aspectos que os participantes – indivíduos diretamente ligados à promoção da inclusão na escola – acreditam ser fundamentais para que essa se torne uma realidade no ambiente escolar.

Palavras-chave: Escola, Inclusão, Pessoa com deficiência.

Introdução

Este artigo discorre sobre a educação inclusiva de pessoas com deficiência auditiva à luz de duas perspectivas distintas, porém, interligadas, a saber, sua relevância e o modo como se materializa no cotidiano. O tema foi escolhido a partir da percepção de que apesar de muito se falar em escola inclusiva, na prática, muitos aspectos da inclusão acabam sendo deixados em segundo plano.

Para apreciar nossa temática, temos como objetivo geral realizar uma reflexão sobre a inclusão escolar e a necessidade de torná-la um fato em nossas escolas. Como objetivos específicos: apresentar a necessidade e o direito à educação inclusiva; identificar os aspectos de inclusão considerados como imprescindíveis pelos entrevistados; e, verificar o que os autores afirmam a respeito da temática.

Atualmente muito se tem falado sobre a escola inclusiva, mas, será este tipo de escola uma realidade em nossa sociedade? De acordo com Ministério da Educação (2004, p. 7), a escola inclusiva é aquela que “garante a qualidade de ensino educacional a cada um de seus discentes, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades.”

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste, UFPE – CAA. Pedagoga pela Fundação de Ensino Superior de Olinda – FUNESO.

² Dra. em Antropologia. Prof.^a Adjunta do Núcleo de Design e do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico do Agreste, UFPE/CAA. (83) 3322.3222

Vale salientar que a escola inclusiva não é aquela que procura se adequar às necessidades do discente com deficiência depois de sua chegada, mas aquela que a concebe como realidade e/ou necessidade e, assim, realiza diligências neste sentido.

Segundo a UNESCO (1994), a origem do conceito de Escola Inclusiva decorreu de uma concepção comum que converge com a responsabilidade de uma pedagogia centrada na criança, capaz de educar a todas, inclusive àquelas com desvantagens severas: as crianças devem aprender juntas. Este consenso interpreta as diferenças como inerentes ao fenômeno humano e, desse modo, tenta moldar a aprendizagem às idiossincrasias da criança e em respeito à sua dignidade.

Apesar desta percepção, ainda existe por parte das escolas uma resistência em efetivar essa inclusão talvez por acharem mais cômodo o não precisar se preocupar em contratar profissionais especializados, disponibilizar salas adequadas, tornar o prédio da escola um espaço acessível e tornar as pessoas cientes de seu papel inclusivo no ambiente escolar. Sobre essa resistência, Mantoan (2003, p. 29) afirma:

Conhecemos os argumentos pelos quais a escola tradicional resiste à inclusão — eles refletem a sua incapacidade de atuar diante da complexidade, da diversidade, da variedade, do que é real nos seres e nos grupos humanos. Os alunos não são virtuais, objetos categorizáveis — eles existem de fato, são pessoas que provêm de contextos culturais os mais variados, representam diferentes segmentos sociais, produzem e ampliam conhecimentos e têm desejos, aspirações, valores, sentimentos e costumes com os quais se identificam.

Em relação à inclusão de estudantes surdos no Brasil, por exemplo, SÁ (2011, p. 4) afirma que este processo parece resolver-se na compreensão e “aceitação da criança surda e seu intérprete em sala de aula, como se mais nenhum outro cuidado ou reflexão se fazem necessários”.

Não podemos esquecer, entretanto, que a legislação do nosso país, desde a Constituição Federal de 1988 – até leis mais recentes, como é o caso da Lei Nº 13.146, conhecida como Lei Brasileira de Inclusão – defende o ideal de educação para todos e, para que isto venha a efetivar-se, é preciso desenvolver ações que possibilitem ao discente com algum tipo de deficiência o acesso e a permanência na escola.

Tendo-se em vistas esta compreensão, as diligências em prol de uma inclusão que se realize em toda a sua complexidade se iniciam com uma estrutura física na escola que permita a mobilidade de cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida; passam pela disponibilidade de equipamentos e materiais específicos que atendam

às necessidades de cada um em seu ambiente de estudo e se completam nos recursos humanos, ou seja, em profissionais preparados para receber e comunicar-se de modo efetivo com estes discentes ao atendê-los em suas especificidades e proporcionar-lhes o acesso integral às atividades desenvolvidas na escola.

Nesta perspectiva, a escola deve oferecer um ambiente acolhedor que propicie adequadas condições de aprendizado e que desperte o interesse do discente pela obtenção do conhecimento.

Todos da comunidade escolar têm sua contribuição a dar e cada um participa desse processo de diferentes maneiras, mas, somente quando todos que compõem a escola estiverem totalmente engajados com este propósito, a inclusão acontecerá de forma plena.

É verdade que temos um longo caminho até chegarmos à verdadeira inclusão, mas, as pessoas com deficiência através de suas lutas, vêm nos mostrando que é possível trilharmos este caminho da busca pela escola inclusiva para daqui a algum tempo podermos ter sim, uma escola em que o termo inclusão venha a tornar-se um pleonasma, remetendo, diacronicamente, a uma exclusão que aconteceu em um dado momento histórico, então, chamaremos apenas de escola. E será uma escola para todos.

Metodologia

Para a elaboração deste trabalho foi escolhida a abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2015, p. 21),

trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Entendemos que a abordagem qualitativa responde melhor à proposta de nossa pesquisa. Quanto aos procedimentos metodológicos, foi aplicado um questionário aberto a estudantes com deficiência auditiva, e professores que atuam ou já atuaram com estes alunos, e a intérpretes de Libras, por atuarem como um profissional de apoio linguístico nas escolas inclusivas. Escolhemos aplicar o questionário a estas pessoas, por acreditarmos que não há melhor voz a ser ouvida, que a das pessoas que são a motivação para pensarmos e agirmos em prol da inclusão.

De acordo com Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”

Segundo Chaer, Diniz e Ribeiro (2011, p. 262),

as perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador, pois o informante escreverá aquilo que lhe vier à mente.

Após a coleta de dados, foi feita uma pesquisa bibliográfica para analisar o que os autores da área escrevem sobre as questões levantadas, e confrontar com o que os entrevistados apresentaram.

Resultados e discussão

Através de nossa coleta de dados, realizada por meio do questionário, obtivemos respostas das pessoas que vivem cotidianamente na luta pela efetivação da inclusão.

Considerando que cada tipo de deficiência requer recursos e adaptações diferentes, o aluno surdo participante revelou a importância que atribui ao profissional intérprete de Libras acreditando que para a escola ser considerada inclusiva é necessária a presença e atuação deste, neste sentido, reiterou que “é de grande importância, pois só com a presença do intérprete de LIBRAS, o aluno surdo poderá acompanhar as aulas”.

O intérprete de Libras é, segundo Quadros (2004), “a pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais”. No ambiente escolar ele se faz indispensável, quando há uma pessoa surda, pois, promove a comunicação entre as pessoas, e possibilita que o estudante surdo não seja apenas copista, mas possa interagir de fato, com professores e colegas de turma.

Reily (2004, p. 23), ponderando que, em nenhuma instância, educadores de abordagens construtivista, freiriana ou sociocultural consideram a possibilidade de o aluno aprender por mera observação e imitação, afirma que:

Muitas crianças com necessidades educativas especiais nas áreas de comunicação e linguagem, ou de mobilidade, vivenciam a escolarização como espectadoras. Na construção de uma escola brasileira inclusiva, de fato, e não apenas

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

inclusiva na palavra da lei, será preciso atentar para garantir acesso aos instrumentos de mediação da atividade. Instrumentos esses primordialmente linguísticos.

Nesse contexto, nos cabe uma reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem do estudante surdo, já que este aluno utiliza uma língua geralmente desconhecida por seus professores.

Um dos alunos participantes aponta que “todas as escolas deveriam oferecer o curso de Libras para todos alunos e professores”. Nessa fala podemos perceber a necessidade que o estudante sente de ser compreendido por todos na escola, e que não basta apenas a presença do intérprete em sala de aula, contudo, faz-se necessário que todo o sistema educacional esteja voltado para reconhecer e atender às suas especificidades.

Segundo Carvalho (2010 p. 29), “as escolas inclusivas são escolas para todos, implicando um sistema educacional que reconheça e atenda às diferenças individuais, respeitando as necessidades de qualquer dos alunos”, mas, é preciso dispensar cuidado com a compreensão desse direito, neste sentido, Rodrigues (2003, p.15) afirma que não podemos entender o ideal de “escola para todos”, de forma reduzida ao “todos na escola”. A escola inclusiva não se resume a reunir todos na escola, mas, providenciar o que for preciso para suprir as necessidades educacionais de todos os estudantes.

Não basta promover o acesso da educação a todos, para que a escola venha a tornar-se, de fato, inclusiva e esteja apta a receber todos os alunos, mas, como afirma Ribeiro (2003, p. 41), “a perspectiva da inclusão exige o repensar das condições da prática docente, e de suas dimensões, bem como de suas repercussões na organização curricular e na avaliação”

Em relação à prática docente, alguns aspectos foram citados nas respostas, dentre eles, a necessidade da interação do professor com o profissional de apoio, bem como os ajustes que alguns professores sentiram necessidade de realizar.

Em relação à relevância da interação com o profissional de apoio, neste caso, o intérprete, todos os professores afirmaram que acreditam, sim, ser relevante. Neste sentido, um deles complementou que “as dificuldades dos surdos devem ser levadas em conta na preparação das aulas como, por exemplo, colocar legendas nos vídeos.” Outro professor afirmou “ainda não fizemos isso. Acho que seria relevante ter essa conversa, uma vez que ficaria mais claro para nós, ouvintes, com trabalhar melhor com esses alunos.”

Diante dessas afirmações, questionamos aos intérpretes como deve ser essa relação entre professor e intérprete. Um dos intérpretes afirmou que “a relação entre professor e intérprete deve ser constante em relação ao repasse do

plano de aula e metodologias a serem aplicadas pelo professor (na sala) para que o TILS não seja surpreendido a cada encontro sem a noção do que vai acontecer.” Outro intérprete participante afirmou que

O professor deveria oportunizar que o intérprete participe do planejamento das aulas e desta forma a atuação do intérprete será facilitada, uma vez que ele terá a oportunidade de se preparar para a explicação do professor e também poderá interagir e até mesmo sugerir se as atividades são adequadas ou não para os surdos e juntos encontrarem uma solução para que os surdos sejam contemplados com o conteúdo.

Percebemos a real necessidade de que todos os que atuam na escola tenham um papel inclusivo a cumprir. E todos, em espírito de cooperação precisam trabalhar com o mesmo objetivo – tornar a escola um espaço acessível.

Quanto aos ajustes realizados na prática docente, um dos professores participantes respondeu “tive que falar mais devagar, para a aluna ler meus lábios e ficar mais atento a seus questionamentos através do intérprete”.

Outro docente afirmou “precisei me preocupar em colocar legendas nos filmes. Preciso garantir que ela esteja atenta e procuro minuciar a intérprete de todas as informações necessárias, num contexto de prova, para que a intérprete possa ajudar a minha aluna surda.”

Realmente, como vemos nas respostas dos professores, mais que apenas inseri-los na escola, faz-se necessário refletir e agir sobre cada aspecto que envolve a educação e isso perpassa as metodologias que serão utilizadas em sala de aula, as formas de avaliação, os recursos, a estrutura física da escola, dentre outros aspectos. É preciso um processo de transformações e uma das principais é investir na formação do professor, pois, é ele quem trabalha diretamente com o aluno.

Os professores do ensino regular consideram-se incompetentes para lidar com as diferenças nas salas de aula, especialmente atender os alunos com deficiência, pois seus colegas especializados sempre se distinguiram por realizar unicamente esse atendimento e exageraram essa capacidade de fazê-lo aos olhos de todos. (MITTLER, 2000 apud MANTOAN, 2003, p. 14)

Sendo o professor, quem mais tem contato direto, e se relaciona dia a dia com o aluno, ele é peça-chave para que a inclusão seja efetivada. Ele deve buscar conhecimento para apresentar-se o mais apto possível para atender às diversas especificidades apresentadas pelos estudantes.

Conclusões

Muitos são os desafios impostos à escola, que precisa encará-los com objetivo de tornar a inclusão uma prática constante e de forma que seja realizada de maneira natural. E isso se faz dia após dia, com conscientização e mudança de atitudes, promovendo a quebra de barreiras, para tornar a escola um ambiente acessível.

Como principais conclusões de nosso trabalho, temos a compreensão da necessidade de tornar a inclusão uma realidade em nossas escolas. E que, para essa efetivação, se faz necessário alguns ajustes de ordem estrutural, linguística, atitudinal, metodológicas, entre outros.

Verificamos também a importância do docente, nesse processo. Pois, como vimos, o professor tem papel fundamental na efetivação de uma cultura inclusiva no ambiente escolar, por se relacionar direta e constantemente com o aluno. Porém, não apenas ele, mas todos os que fazem parte da escola precisam estar engajados no propósito de tornar a escola um ambiente inclusivo.

Percebemos, enfim, que educação inclusiva significa mais que apenas ter a presença de alunos com deficiência nas salas de aula. É constituída por uma consciência inclusiva, que precisa ser construída dia após dia, por alunos, professores e demais envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Educação inclusiva*: v. 3: a escola / coordenação geral SEESP/MEC; organização Maria Salete Fábio Aranha. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

_____. *Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2015. 65 p.

_____. *Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. Brasília: UNESCO, 1994.

CARVALHO, R. E. *Educação Inclusiva: com os pingos nos “is”*. Porto Alegre, Mediação, 2010.

CHAER, G; DINIZ, R. R. P; RIBEIRO, E. A. A técnica do questionário na pesquisa educacional. *Evidência*, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer?* – São Paulo: Moderna , 2003.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* / Suely Ferreira Deslande; Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 33. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

QUADROS, R. M. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

REILY, L. *Escola inclusiva: linguagem e mediação*. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

RIBEIRO, M. L. S. *Perspectivas da escola inclusiva: Algumas reflexões*. In:RIBEIRO, M. L. S.; BAUMEL, R.C.R.C. Educação Especial: do querer ao fazer. São Paulo, Avercamp, 2003.

RODRIGUES, A. J. *Contextos de aprendizagem e integração/inclusão de alunos com necessidades educativas especiais*. In:RIBEIRO, M. L. S.; BAUMEL, R.C.R.C. Educação Especial: do querer ao fazer. São Paulo, Avercamp, 2003.

SÁ, N. L. *Para além da tradução: o caso dos intérpretes de Libras*. 2011.